

## **APRESENTAÇÃO: ENSINO DE LÍNGUAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS): PESQUISAS À LUZ DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO**

**Anderson Carnin<sup>1</sup>**

**Carla Silva-Hardmeyer<sup>2</sup>**

acarnin@unisinós.br

carla.silvahardmeyer@unige.ch

Este número especial da *Revista Virtual de Estudos da Linguagem* é dedicado à publicação de pesquisas desenvolvidas sob o escopo do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), quer em contexto brasileiro, quer em contexto estrangeiro, sobre ensino de línguas e/ou formação de professores(as). A gênese deste volume está atrelada ao VI Encontro Internacional do Interacionismo Sociodiscursivo, realizado na Unisinós Porto Alegre, em 2019, e também à própria rede internacional<sup>3</sup> do Interacionismo Sociodiscursivo, iniciada por Jean-Paul Bronckart, a qual aglutina pesquisadores(as) vinculados(as) ao desenvolvimento de estudos, pesquisas e trabalhos que partilham de horizonte teórico comum.

Durante os quatro dias de intensa convivência e partilha no VI Encontro do ISD, em Porto Alegre, inúmeras discussões foram surgindo sobre o alcance dos estudos e pesquisas realizados à luz dessa *ciência do humano*, evidenciando a dinamicidade e a contribuição desses trabalhos, especialmente no que concerne ao campo educacional, o que nos motivou a organizar este volume. Os trabalhos aqui publicados estão, grosso modo, ligados a dois eixos temáticos propostos por nós e que buscam articular os textos

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINÓS), Brasil.

<sup>2</sup> Pesquisadora e Encarregada de Ensino na Universidade de Genebra (UNIGE), Suíça.

<sup>3</sup> <https://isd-international.org/site/>

deste volume: *i*) ISD na produção, desenvolvimento e análise de propostas didáticas e pesquisas em ensino e aprendizagem de línguas; *ii*) ISD e pesquisas sobre trabalho, desenvolvimento profissional e formação docente.

No primeiro eixo, oito artigos apresentam diferentes facetas ligadas à questão do ensino de línguas ancorado em contribuições do ISD, especialmente de sua vertente didática. Por ordem alfabética dos textos, passamos a apresentar sucintamente cada um deles.

Em “Escrever para aprender a expor no ensino básico: construindo o modelo didático do gênero exposição escrita”, Mariana Oliveira Pinto, do Instituto Politécnico de Setúbal (Portugal), explora dois pressupostos essenciais para o trabalho com gêneros na escola, especialmente no que concerne ao trabalho com a escrita: o conhecimento (essencial) das propriedades dos gêneros e dos textos e os modos de ação didática implicados na construção desse conhecimento. Evidentemente, tal pesquisa dialoga também com questões de formação de professores, pois é tênue a linha que separa uma pesquisa como essa de seu campo principal de diálogo: a sala de aula.

O segundo texto deste eixo, “Gestos profissionais e didáticos no ensino de línguas: o estado da arte em foco”, de Edan Luis Almeida (Unicentro), Lidia Stutz (Unicentro), Maria Izabel Rodrigues Tognato (Unespar) e Cristiane Malinoski Angelo Pianaro (Unicentro), apresenta, como o título sugere, um amplo levantamento de pesquisas brasileiras sobre os gestos didáticos em contexto brasileiro. Novamente, a pesquisa, focada em questões de ordem didática, pode também contribuir/dialogar com pesquisadas ligadas à formação de professores(as).

Diane Boër e Joaquim Dolz, da Universidade de Genebra (Suíça), em “Le roman historique: tradition discursive et didactique”, apresentam interessante discussão acerca do trabalho com o gênero “romance histórico” em contexto de sala de aula de francês língua de escolarização, focalizando as contribuições da modelização didática desse gênero, incluindo aí sua dimensão histórica e social, para o trabalho com adolescentes de 13-14 anos (em etapa equivalente ao final do Ensino Fundamental no Brasil).

Na esteira das discussões sobre modelização didática, o quarto texto deste eixo, “O modelo didático do gênero debate eleitoral”, de Ana Elisa Jacob e Luzia Bueno (USF), apresenta contribuições para o trabalho com a oralidade em sala de aula a partir de proposta de modelização do gênero debate eleitoral, contribuindo para que

professores(as) da Educação Básica possam desenvolver diferentes propostas didáticas em torno desse gênero.

Anielle Andrade de Souza e Regina Celi Mendes Pereira (UFPB), relatam em “Pesquisa, escrita e práticas disciplinares acadêmicas em Arquitetura/Urbanismo e Artes”, resultados de pesquisa que focalizou tanto respostas de pesquisadores a um formulário sobre práticas de escrita quanto um conjunto de artigos da área de Arquitetura/Urbanismo e Artes, procurando “entender muito mais “como” se escreve na academia do que apenas “o que” se escreve”. Nesse sentido, as análises e discussões efetuadas pelas autoras contribuem, ainda que indiretamente, para o campo da didática de línguas ao fornecer evidências para um debate mais informado sobre como a cultura disciplinar informa e influencia a escrita produzida no/pelo campo pesquisado.

“Perspectivas para uma pesquisa participativa em didática do francês como língua de escolarização: uma pesquisa de engenharia didática em colaboração”, artigo assinado por Gláís Sales Cordeiro e Sandrine Aeby Daghé, da Universidade de Genebra (Suíça), reflete sobre as contribuições de pesquisa participativa, desenvolvida por quatro anos, assentada em princípios da engenharia didática, explorando questões ligadas à leitura de obras literárias destinadas a crianças.

O sétimo texto deste eixo, “Relevamiento de géneros académicos en las prácticas de escritura de los estudiantes de Psicología”, de autoria de Maria Rita Ragau, da Universidade de Buenos Aires (Argentina) e Dora Riestra, da Universidade de Rio Negro (Argentina), tematiza também a questão da escrita acadêmica, mais especificamente, de gêneros acadêmicos produzidos por estudantes de Psicologia. O texto explora as consignas de produção como objeto de análise, evidenciando que o desenvolvimento de capacidades de escrita estão ligadas ao reconhecimento de questões ligadas ao contexto de produção e de textualização e podem impactar fortemente na formação e atuação profissional e acadêmica de futuros psicólogos.

Também da Argentina vem o último texto deste eixo, assinado por Florência Miranda (Universidade de Rosário) e Joana Arman (Universidade de Rosário). Em “Uma proposta de português para fins específicos na perspectiva interacionista sociodiscursiva”, as autoras apresentam importante discussão sobre as contribuições do ISD ao trabalho de ensino de línguas para fins específicos, mais especificamente, para o trabalho com língua portuguesa em contexto acadêmico na Argentina. As autoras contribuem, assim, para o avanço das reflexões, debates e teorizações sobre a

questão, lançando luz sobre um tema ainda pouco explorado por pesquisadores(as) vinculados(as) ao ISD.

O segundo eixo, composto de treze textos, aglutina artigos que tematizam o trabalho do professor, sua formação (inicial ou continuada) e/ou seu desenvolvimento profissional. Por ordem alfabética, novamente, passamos a apresentar cada uma das contribuições deste eixo temático.

“Aconselhar e orientar: transformar a experiência vivida em recurso para a formação de professores”, de Simone Maria Dantas-Longhi (UFV) e Flavia Fazon (UFPR), discute a formação de professores de francês em contexto de extensão universitária, explorando como memórias de experiências anteriores fomentam a reflexão sobre a experiência vivida e seu papel na ação de aconselhar/(trans)formar professores.

Andreia Rezende Garcia-Reis e Andressa Barcellos Correia da Silva (UFJF), na esteira das reflexões sobre linguagem e trabalho docente, em “As significações de trabalho de formadores de professores”, exploram mais detidamente o trabalho de formação de futuros professores, por meio de entrevistas com professores universitários. A significação do trabalho docente e do trabalho do egresso, agrupadas por perfis que emergiram dos dados, convoca-nos a refletir ainda mais sobre como podemos avançar na formação de professores.

Em “Autoconfrontação: interação pesquisador-professor revelando sentido para o discurso do professor”, assinado por Ermelinda Barricelli e Daniela dos Dias Anjos (USF), o eixo segue apresentando reflexões acadêmicas sobre os sentidos atribuídos ao trabalho docente, mais especificamente na ação de “improvisar” em sala de aula, analisando dados que foram gerados por meio de intervenção construída a partir do método de autoconfrontação, em que a professora pode assistir e comentar sua própria aula.

“Contribuições do Interacionismo Sociodiscursivo para compreender o agir do estagiário”, de Larissa Ferreira Rodrigues (UFC), Eulália Leurquin (UFC) e Ecaterina Bulea Bronckart, da Universidade de Genebra (Suíça), apresentam texto que, assumindo o papel desenvolvimental da linguagem e a concepção de agir (docente), analisa como professores em formação inicial, especificamente em momento de estágio supervisionado, interpreta seu agir em sala de aula. O texto sinaliza para a ênfase do estagiário em construir sentidos para os procedimentos didáticos em detrimento da

reflexão teórica sobre o próprio agir em situação de estágio, permitindo realimentar o debate sobre o papel do estágio na formação inicial de professores.

Eliane Lousada (USP/CNPq), no artigo “Estudar os processos de desenvolvimento: contribuições para a formação de professores”, sintetiza princípios empregados em dispositivo de intervenção e de formação de professores de francês língua estrangeira construído pela autora em sua universidade. A análise de verbalizações de professores que vivenciaram experiências docentes mediadas por tal dispositivo revela contribuições para o desenvolvimento e para a transformação do coletivo de professores e anima que mais pesquisas intervencionistas como esta possam ser desenvolvidas, com vistas a contribuir para o avanço das compreensões sobre processos de desenvolvimento docente.

“Ferramentas didáticas como possíveis instrumentos para (re)configurações de práticas formativas no ensino de línguas”, de Maria Izabel Tognato e Jaqueline Vignoli, (UNESPAR), tomando a concepção de escrita como processo, reflete sobre diferentes dispositivos didáticos contribuem para a formação inicial de professores, notadamente no que concerne aos saberes necessários para isso, contribuindo, de igual forma, para que outros contextos e práticas formativas possam ser ressignificados à luz da experiência por elas relatada.

Em “Formação contínua de professores para o ensino da produção escrita: descrição de um dispositivo formativo em alternância entre a epistemologia e a análise de práticas”, assinado por Luciana Graça, leitora do Instituto Camões na York University (Canadá), temos novamente foco no ensino da escrita, mas em diferentes disciplinas, não apenas nas aulas de língua portuguesa. O contexto de pesquisa, no entanto, é diverso: trata-se de oficina destinada à formação contínua de professores, e o contributo da alternância entre episteme e (reflexão sobre a) prática é objeto maior da discussão empreendida pela autora.

Retornando a questões ligadas à formação inicial de professores, o artigo “Gêneros de texto da prática profissional docente: primeiras reflexões sobre as demandas do trabalho”, de Tânia Magalhães, Giovana Rabite Callian e Patrícia de Souza Lima Cabette (UFJF), empreende uma análise sobre quais gêneros de texto estão presentes no campo profissional docente, mais especificamente na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, articulando tal discussão à formação de professores. A contribuição da pesquisa se dá na direção de aproximar o campo profissional e suas práticas de trabalho à formação acadêmica, que, muitas vezes,

desconhece ou invisibiliza diferentes gêneros que são essenciais para o trabalho docente.

“Sequências de Formação: instrumento de mediação no sistema de atividade da formação docente”, artigo de Vera Cristóvão (UEL/CNPq), Marileuza Miquelante (UNESPAR) e Paula Francescon (UEL), investe na reflexão sobre a formação inicial de professores de inglês, apresentando e avaliando uma sequência de formação proposta pelas autoras para esse fim. Concluem as autoras que há desenvolvimento tanto de capacidades de linguagem quanto docentes por meio do trabalho desenvolvido à luz da sequência de formação apresentada e desenvolvida em duas instituições de ensino superior públicas do estado do Paraná.

Atento às demandas atuais do trabalho docente em tempos de pandemia, o artigo “Ser professor no Brasil nos tempos da Covid-19: o que mudou?”, de Ada Matias Brasileiro (UFOP), Jadilson Ribeiro (IFMG) e Juliana Assis (PUC Minas/CNPq) apresenta importante discussão sobre as mudanças provocadas pela pandemia mundial de Covid-19 no agir docente, especificamente no contexto de ensino remoto desenvolvido por 36 professores brasileiros que contribuíram com a pesquisa relatada.

“O agir discente reconfigurado em um texto de instrução ao sócia”, de Siderlene Muniz-Oliveira (UTFPR) e Carla Silva-Hardmeyer, da Universidade de Genebra (Suíça), a partir de dados gerados pelo método de instrução ao sócia, discutem e aprofundam nosso conhecimento sobre o trabalho do professor em sala de aula, lançando luz, especialmente, sobre o papel do agir discente nesse trabalho que se constrói na interação de sala de aula.

Revelando as tensões entre o agir docente e as prescrições oficiais, “O discurso de uma professora sobre a atividade prescritiva: significações sobre o trabalho de ensino e de aprendizagem do português/domínio da leitura”, texto de Sandra Patricia Ataíde Ferreira e Audria Albuquerque Leal, da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), explora especificamente questões ligadas ao domínio da leitura, notadamente, de obras literárias em sala de aula. A aproximação com o contexto português permite que reflitamos sobre essa questão também em cenário brasileiro, expandindo as contribuições do artigo e ampliando o debate sobre o tema do ensino da leitura, sempre atual.

Finalizando nosso segundo eixo, temos o artigo “O papel do coletivo na formação continuada de professores: as comunidades de desenvolvimento profissional”, de Ana Maria de Mattos Guimarães (Unisinos/CNPq) e Joseane Matias

(Unisinos/Capes), que apresenta relato de pesquisa em andamento sobre formação continuada de professores de língua portuguesa baseada em comunidades de desenvolvimento profissional. A análise proposta pelas autoras busca elucidar tanto os modos de participação docente em tais comunidades quanto sobre o papel do coletivo no desenvolvimento profissional docente.

Ainda neste número, achamos importante publicar a resenha da clássica obra “Atividades de linguagem, textos e discursos – Por um Interacionismo Sociodiscursivo”, fundante para os estudos desenvolvidos no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo. Rossana Cristina Mattiassi (USF) retoma essa importante obra, cuja tradução em português completou 20 anos, e anuncia sua possível reedição em língua portuguesa, o que nos anima, já que a obra, atualmente, encontra-se esgotada. Contamos neste número com um posfácio dedicado à professora e pesquisadora Ana Maria de Mattos Guimarães, precursora do trabalho com o Interacionismo Sociodiscursivo no Rio Grande do Sul, que, ao lado de Anna Rachel Machado, liderou o grupo ALTER/Cnpq (2004-2012) no Brasil, contribuindo para a ampliação de pesquisas nesse campo, especialmente no que concerne à formação de professores(as) e ao ensino de língua portuguesa na escola.

Não podemos finalizar este número temático sem fazer três agradecimentos muito especiais. O primeiro deles, aos(às) parecerista que contribuíram, anônima e voluntariamente, para que este volume pudesse ganhar vida. O segundo, ao professor Joaquim Dolz, que nos auxiliou a conceber este volume. O terceiro, aos professores Jean-Paul Bronckart e Ecaterina Bulea Bronckart, que nos brindaram com seu acompanhamento no processo editorial e com a leitura prévia dos textos selecionados para este número temático. Foi um grande esforço em prazo recorde, mas que certamente contribuiu imensamente para a qualificação dos trabalhos aqui apresentados.

Desejamos a todos(as) produtiva leitura e profícuas interlocuções com os trabalhos deste número!